

PROFISSIONAIS DO SEXO: MOTIVAÇÕES E SENTIDOS PARA A AÇÃO¹

Silvia Beatriz Mendonça²

Resumo: O objetivo do trabalho que deu origem a este artigo foi verificar, por meio de análise de narrativas biográficas de profissionais do sexo, quais os motivos e sentidos dados para a sua ação. Concluí que a profissional do sexo entrevistada, sobre a qual apresento a análise aqui, tem como motivação “a fim de” para inserir-se nesta profissão a possibilidade de uma melhor renda e que elementos como prazer e diversão aparecem como motivação para manter-se nela. Neste artigo dou ênfase às dificuldades da inserção em campo e a análise das narrativas.

Palavras-chave: Entrevistas Narrativas; Gênero; Método Biográfico; Profissionais do sexo; Prostituição.

Introdução

O debate em torno do mercado do sexo e da prostituição trata em geral dos problemas sociais e morais com que estão envolvidos. Especificamente, a literatura sobre prostituição trata da prostituição infantil, das questões de saúde pública, da violência contra a mulher, da representação simbólica do dinheiro, da legalização da atividade, do turismo sexual e, com maior atenção nos últimos anos, do tráfico internacional de mulheres e a migração para fins de prostituição (ver CASTILHO, 2008; BERNSTEIN, 2008; GOMES, 1994; LOPES et al., 2007; PISCITELLI, 2007; RUSSO, 2007; TORRES et al., 1999; ZELIZER, 2009). Por tratar dos problemas sociais e morais que envolvem a prostituição a literatura em suas diversas abordagens interliga-se facilmente. E, dentro desses temas a literatura acaba tratando também das motivações dessas mulheres para inserir-se na profissão; em geral, é como se ao descobrir a causa poderia ser possível resolver o “problema”.

Com base na revisão de literatura acima citada percebi a ausência e a necessidade de estudos que abordem a prostituição de outro ângulo, além da “vida difícil”. E, principalmente, de estudos que partam do princípio de que a compreensão da sociedade em âmbito universal e das relações sociais que nela se dão deve partir do

¹ Este artigo tem como base o Trabalho de Conclusão de Curso da autora de mesmo título.

² Mestranda do segundo semestre do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da PUCRS. Bolsista de mestrado da CAPES.

indivíduo, pois este em suas ações cotidianas e em meio às interações sociais é quem faz a sociedade, é quem faz e reproduz suas regras e instituições.

Entendo a prostituição em acordo com Rodrigues (2004, p. 151), como o

comércio habitual do próprio corpo para satisfação sexual de indiscriminado número de pessoas³, (RODRIGUES, 2004, p. 151).

E opto por utilizar o termo ‘profissionais do sexo’ para me referir às mulheres que trabalham no mercado do sexo, pois ainda que concorde com os movimentos a favor das profissionais do sexo ao afirmarem que mudar o termo pode reafirmar o estigma ao mascará-lo, entendo ser necessária a mudança de perspectiva a partir da nomenclatura, pois

o não reconhecimento da condição de trabalho para o exercício da prostituição constitui obstáculo relevante ao desfrute de direitos e desenvolvimento de potencialidades (JULIANO apud CASTILHO, 2008, p. 111).

Tendo em vista este contexto, procurei neste trabalho conhecer de que maneira elementos biográficos e acontecimentos cotidianos são narrados e interpretados pelas profissionais do sexo e conhecer as motivações e os sentidos que essas mulheres dão para suas ações na vida cotidiana para então analisar os discursos destas mulheres com a intenção de compreender suas motivações para o ingresso na prostituição e de que forma elas vivenciam a sua sexualidade na profissão. Sendo que penso a mulher enquanto sujeito autônomo e, em acordo com outras pesquisadoras contemporâneas avento “a possibilidade de uma certa realização pessoal no trabalho” (FONSECA, 1996, p.31) como profissional do sexo, não posso pesquisar a prostituição feminina como outrora onde

as garotas não eram consideradas como pessoas que tivessem algo a dizer diferente da versão dada [pelos clientes ou pesquisadores], ou seja, não era atribuído a elas sequer o poder da

³ Grifo do autor.

fala, mesmo quando o assunto eram elas próprias (GASPAR, 1985, p.58).

“Melhora teu Nick⁴!”: o caminho até o sujeito de pesquisa

O processo anterior ao de coleta dos dados empíricos é sempre um longo caminho a ser percorrido. A ponte que leva o sujeito pesquisador ao sujeito pesquisado é uma “ponte pincel” daquelas que parece que irão desmontar a qualquer momento, mas em concordância com Geertz penso que “essa é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas” (1989, p. 20).

A escolha do grupo pesquisado: profissionais do sexo mulheres, com idade entre 18 e 35 anos, que trabalham como autônomas ou em casas especializadas; ocorreu devido às especificidades do grupo caracterizado. Optei por trabalhar somente com mulheres, pois desde o início do projeto visava tratar do debate da perspectiva de gênero acerca da prostituição e realizar análise sobre a vivência da sexualidade dessas mulheres em relação a prevista na ordem patriarcal. A escolha de serem jovens e de trabalharem como autônomas ou em casas especializadas deu-se em função do fato de que mulheres nesta situação inseriram-se na prostituição geralmente de forma diferente (mais autônoma) de mulheres que já ultrapassaram esta faixa etária e/ou que trabalham na rua. Mulheres que exercem a atividade na rua apresentam outras especificidades.

O meu caminho em busca dos meus sujeitos de pesquisa não foi diferente da maioria dos pesquisadores nesta área. Como por meio da literatura e pelo reconhecimento do estigma sei que se trata de um campo de difícil acesso optei por, inicialmente, entrar em contato com pessoas que as tivessem como amiga, colega ou conhecida uma profissional do sexo. Se acaso esta “tática” não funcionasse, eu estava disposta a, conforme a necessidade inserir-me sozinha em campo.

Assim, consegui quatro pessoas dispostas a conversar com a amiga, colega ou conhecida a respeito da minha pesquisa a partir de um e-mail explicativo que enviei para cada uma delas. Não funcionou. Nenhuma delas se dispôs a conceder-me uma entrevista, sequer a receber a explicação sobre a pesquisa diretamente de mim.

Entrei então em contato com um colega de curso que é amigo da dona de uma famosa casa especializada de Porto Alegre, pedi que ele conversasse com ela a respeito

⁴ Apelido solicitado para a entrada na sala. Este aparecerá nas conversas como forma de identificação. Utiliza-se nestas salas o *Nick* para também identificar seus interesses ou suas ofertas.

da pesquisa e que pedisse a ela sobre a possibilidade de eu mesma conversar com ela a respeito. No dia em que ele foi procurá-la não conseguiu falar com ela e disseram-lhe que ele ou eu enviasse um e-mail a respeito. Ambos enviarmos e ambos ficamos sem resposta. Decidi então enviar o e-mail explicativo para um núcleo de estudos sobre prostituição e uma entidade de auxílio das profissionais do sexo. Não obtive resposta.

Já estava tornando-se difícil acreditar que eu conseguiria realizar entrevistas e analisá-las em tempo de entregar o Trabalho de Conclusão. Sem respostas, sem sujeitos de pesquisa eu comecei a organizar-me para realizar análise de autobiografias de profissionais do sexo a partir de livros como “O Doce veneno do escorpião” de Bruna Surfistinha. Neste momento um amigo sugeriu que eu fizesse análise de *chats*⁵, logo descartei a idéia, pois em *chats* sobre sexo as conversas normalmente são privadas de modo que não são passíveis de análise, contudo pensei que eu poderia encontrar nos *chats* uma profissional do sexo. Em um dia passei 6h em três salas diferentes: swing, elas e elas e fetiches. Entrei nas salas com o *nick* “silvinha” e busquei conversar com homens que pudessem me passar o contato de alguma profissional do sexo conhecida deles ou apontar-me uma que estivesse também na sala de bate papo. Neste empreendimento conversei com várias pessoas que freqüentam *chats* em busca de sexo casual, real ou virtual, segundo a explicação de Rafael⁶, um jovem freqüentador com quem pude conversar profundamente sobre os *chats*. Adicionei alguns homens em meu MSN⁷ objetivando adquirir confiança o suficiente para receber a informação que buscava e manter informantes. Um destes homens que adicionei no MSN propôs-se a apresentar-me a duas amigas suas que são profissionais do sexo, contudo ele não me passaria e-mail ou telefone: levar-me-ia até a casa delas. Outro aceitou colaborar depois de convencido de que eu não aceitaria a proposta de sair com ele e suas “duas amigas garotas de programa que falam inglês”, então ele me passou o e-mail/MSN de outra que ele não conhecia, mas que haviam lhe recomendado. Imediatamente adicionei o e-mail no meu MSN e enviei o e-mail explicativo.

Algumas horas depois Aline Morena entrou no MSN e sem delongas aceitou participar da pesquisa para me ajudar e justificou dizendo: “faço faculdade sei como é

⁵ Chat: em português significa "conversação", ou "bate-papo". No caso aqui citado refere-se conversação em sítio web/ Salas de bate papo *on line*.

⁶ Nome fictício.

⁷ MSN: é um programa da mensagens instantâneas criado pela [Microsoft Corporation](#)

essas pesquisas”. Com isto, minha primeira entrevistada aproximou-se de mim apresentando uma das semelhanças possíveis entre nós. O fato de ela também ser estudante universitária não apenas facilitou nossa aproximação, mas também foi apresentado por ela como a motivação principal para a sua participação sendo que por isto ela compreendia a dificuldade de encontrar pessoas para realizar uma pesquisa.

No dia anterior ao marcado para a primeira entrevista, em uma quinta-feira, recebi um e-mail resposta da Geni⁸, dona de uma famosa casa especializada de Porto Alegre, em que ela pedia para eu entrar em contato com ela via telefone. Telefonei e não a encontrei, a pessoa que me atendeu pediu que eu retornasse a ligação na segunda ou terça-feira. Enviei outro e-mail explicando a necessidade de conversar com ela na mesma semana e dispus-me a aguardar seu contato. No outro dia recebi um e-mail de um de seus funcionários, Luciano⁹, dizendo que é Sociólogo, que achou muito interessante minha pesquisa e sugerindo dois dias e horários em que eu deveria procurar a dona da casa.

Na segunda-feira fui ao encontro dela na casa da qual é dona. Olhando de fora o único indicativo de que eu estava no lugar certo era um segurança sentado em frente a uma porta na entrada do que seria a garagem da casa, pedi-lhe para confirmar o endereço e falei que procurava a Geni ou o Luciano. Ele perguntou-me imediatamente se eu estava ali para entrevista (para ser entrevistada) eu expliquei-lhe então que eu estava fazendo uma pesquisa sobre profissionais do sexo e que gostaria de conversar com a Geni a respeito. Aguardei ali fora mesmo enquanto ele foi chamar alguém que pudesse atender-me, solicitou então a outro funcionário que procurasse o Luciano, encaminhou-me para dentro da casa: diante da porta um passo a frente e outro a direita para entrar por outra porta, colocou-me no corredor entre a área de fumantes e a cozinha e pediu que eu aguardasse. Outro homem veio conversar comigo e saber o que eu queria, expliquei-lhe a respeito da pesquisa e dos e-mails da Geni e do Luciano, ele deixou-me aguardando e foi conversar com ela. Nesse instante um garçom entra no corredor para ao meu lado e fica dois longos minutos me observando, então dialoga comigo: “tu trabalha na noite?” respondi-lhe “não”, “quer trabalhar?”, respondi-lhe novamente que não e expliquei-lhe o motivo de estar ali, então ele deu de ombros e foi para a cozinha. O funcionário que falara comigo anteriormente voltou, pediu nova

⁸ Nome fictício.

⁹ Nome fictício.

explicação sobre o que eu queria e se eu tinha as perguntas da entrevista comigo, expliquei-lhe então como funcionaria a entrevista. Novamente ele me deixou e foi conversar com a Geni, voltou e questionou “então tu não quer entrevistar ela?” eu disse-lhe que gostaria de conversar com ela, explicar-lhe a pesquisa para então ela apresentar-me as mulheres que trabalham com ela que eram quem eu gostaria de entrevistar. Mais uma vez fiquei ali no corredor aguardando ele conversar com a dona da casa e no seu retorno disse que anotaria meu telefone e passaria para o Luciano entrar em contato comigo; nunca recebi a ligação.

Uma semana após minha primeira conversa com Aline Morena no MSN conversamos novamente e ela me passa o contato de uma amiga sua que também é uma profissional do sexo. Devido a problemas técnicos no programa de mensagens instantâneas não consegui falar diretamente com Angelina, contudo Aline Morena continuou fazendo o intermédio e marcamos para o outro dia a entrevista com a Angelina com a condição de que a amiga pudesse estar presente.

No decorrer daquela semana entrei mais uma vez no chat visando encontrar informantes e profissionais do sexo, contudo desta vez o fiz com o auxílio instantâneo de Rafael que, ao perceber que não tenho “a manha¹⁰” tentou explicar-me como algumas coisas funcionam: “silvinha poa, ehehe, tem q melhora teu Nick”; “mas gp entra pouco nos chats, gp tu acha no chat de casados nao nos de swing nem do de fetiche”. Quando eu pensei que uma profissional do sexo pudesse ter vindo falar comigo no *chat*, ele avisou-me:

- “*cd eh homem*” - *silvinha diz: como assim??? eh priscila*
- “*cd eh sigla de crros dere sei la como se escreve, sao os caras que se vestem como mulher, mas nao tem seios it al*”.

Neste dia no chat não obtive sucesso, consegui apenas um MSN de uma profissional do sexo que o Rafael conseguiu e me passou, contudo esta mulher não se dispôs a conversar comigo pessoalmente devido a sua disponibilidade de tempo ser restrita. O Rafael disse-me que conseguiu naqueles minutos que estivemos juntos no

¹⁰ Ter a manha: ter experiência suficiente para saber o jeito certo de fazer, ter o domínio, o conhecimento necessário sobre tal assunto/ação.

chat o MSN de cinco profissionais do sexo, contudo ele só passaria pra mim mediante negociações:

- *“se eu axar uma gp pra falar com vc, vc vem me visitar?”*
- *“se tu vie-se aki a coisa muda de figura tenho aki ja uns 5 msn pra ti passa”*

As propostas do Rafael foram tímidas perto do montante que recebi nas conversas nas salas de bate papo. Ainda que eu sem demora explicasse aos homens que eu estava a procura de profissionais do sexo eles sempre insistiam dizendo coisas como:

- *“quando achar que deve conhecer alguém para conversar e se houver afinidades, algo mais..avisa”*
- *“algo seu, somente entre nós...ninguém precisa ficar sabendo.....e se um dia quiser minha junto....as duas falando inglês”*

Além das propostas os questionamentos eram imediatos: “tu curte mulher?”, “vc eh lésbica?”, “vc eh garota de programa?”, “quer ser GP?”, “vc eh homem?”, “vc quer pagar quanto?”, “que tipo vc prefere?”, entre outros.

Devido às dificuldades apresentadas consegui entrevistar apenas duas mulheres, contudo, isto aqui não é problema, pois este trabalho não visa elaborar generalizações, mas tão somente analisar os discursos que me foram relatados. A seguir apresento a análise da narrativa de Aline Morena, uma das entrevistadas. A escolha por apresentar aqui somente uma narrativa faz-se devido a restrição do espaço e a escolha pela narrativa de Aline Morena não é aleatória, mas deu-se devido a sua entrevista ter tido um tempo maior e apresentar mais narrativas propriamente ditas¹¹.

Brincando de ganhar dinheiro: Motivações para a ação

Segundo o método compreensivo a compreensão subjetiva é a compreensão das motivações do outro, é compreensão motivacional, de modo que o Cientista Social deve

¹¹ O que chamo de narrativa propriamente dita são os trechos da entrevista em que a entrevistada conta sua história de vida e descreve situações de vida, ver CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica, *Horizontes Antropológicos*, ano 9, n.19, pp.283-302, 2003.

buscar compreender os motivos do ator. Com o termo “significado subjetivo” Weber designou tanto o significado que o ator atribui à sua conduta como o significado que a Sociologia atribui à conduta do ator observado. Assim, a compreensão da ação do ator por parte do Sociólogo se dá quando o segundo interpreta a interpretação que o indivíduo faz da sua própria ação.

Para conhecer as interpretações das profissionais do sexo entrevistadas utilizei o método de entrevistas narrativas e com o objetivo de obter narrativas biográficas utilizei-me dos princípios indicados por Bettina Völter (2010¹²) para conduzir as entrevistas como começar convidando o entrevistado a narrar sem restrições temporais ou temáticas e após esta narrativa principal orientar-me no sistema de relevâncias dos sujeitos entrevistados (não somente os detalhes em si, mas o como este sujeito irá estruturar os detalhes da sua vida), buscar aproximação de ações em contextos cotidianos e formar as hipóteses posteriormente. Abaixo segue o convite à narração que fiz à entrevistada Aline Morena:

Silvia: Que tu conte pra mim a história da tua vida desde os tempos mais remotos onde tu lembrar ou da onde tu quiser contar, até...(Aline Morena iniciou sua fala)

Ao falar de suas experiências os indivíduos utilizam sua memória autobiográfica que pode ser compreendida como reconstruções à compreensão atual. Assim, a biografia é uma construção e quem narra sua história de vida narra o passado a partir da perspectiva do presente e visualizando o futuro. Corroborando com esta análise a profissional do sexo entrevistada inicia sua narrativa explicando, de certa forma, sua condição atual.

Aline Morena inicia a sua narrativa e segue durante toda ela explicando sua inserção na profissão e contando seu cotidiano nela. Segundo sua narrativa ela trabalhava numa clínica quando começou a entrar nos *chats* pra bater papo nos intervalos ou períodos em que ficava sozinha no seu trabalho, então no *chat* conheceu um homem que era fascinado por pés e presenteava as mulheres com uma bota, sandália ou algo do gênero para ver seus pés, Aline Morena comentou com seu melhor amigo (o

¹² Texto de Bettina Völter escrito em material de apoio na “Oficina Narrativas Biográficas” ministrada pela mesma em Março de 2010.

único íntimo que sabe da sua profissão) a respeito da insistência do homem para encontrá-la

"ai ele bem assim "guria deixa de ser trouxa tá perdendo de ganhar" ai ele comentou que ele sempre fala essas coisas, que ele é bem "se eu fosse mulher tu acha que eu ia tá perdendo tempo", ai eu disse ah deixa de ser bobo e não sei o que, nem dei bola"

O homem continuou insistindo até que Aline Morena resolveu adicioná-lo no MSN e conhecê-lo melhor:

"enfim, ai eu acabei, depois de umas duas ou três semanas falando com ele no MSN acabei aceitando almoçar pra ver qual era, (...) ai a única exigência dele é que eu fosse de sandália pra ele ver meus pés, (...) ai tá fui, a gente saiu"

Após o primeiro encontro, ela aceitou a proposta

"ai a gente acabou combinando pra outra semana pra gente sair, quando a gente saiu ele me deu o valor em dinheiro".

Ela saiu mais algumas vezes com ele, contudo a decisão de usar dos seus pés ou do sexo como um recurso profissional começou a nascer com a demissão da clínica unida à falta de perspectiva de um novo emprego e às contas que se acumulavam:

"(...) ai eles me mandaram embora do estágio (...)ai eu tava precisando mais do que nunca porque já tinha passado um mês e pouco e eu não conseguia nada e as contas tavam batendo né, a faculdade as outras coisas assim, ai um dia (?) com relação tudo, foi tranquilo, sem problemas, vou te dizer assim, não é um bicho de sete cabeças e, ai eu comecei a entrar nos chats, mas ai com a intenção de sair dessa forma".

Deste modo, é possível considerar que sua narrativa é uma interpretação a partir de uma situação biográfica determinada (Schutz, 1979: 73), uma vez que a biografia é

uma descrição de processos e experiências vividas pelo próprio indivíduo adotando-se como critério para essa reinterpretação precisamente a situação biográfica atual.

A entrevistada apresenta suas motivações para inserir-se na profissão e para manter-se nela como ligadas ao retorno financeiro rápido e vantajoso bem como a vivência de novas experiências possibilitadas pelo dinheiro e a diversão intrínseca a ela.

“eu faço isso pelo dinheiro, não vou dizer que eu não me divirto, às vezes é bem divertido até, não posso reclamar, eu saio pra almoçar, vou num restaurantes bons” (Aline Morena).

“Eu tenho hoje coisas que eu não teria, provavelmente eu não teria porque eu ganho um valor (...) e eu poderia ganhar muito mais, com certeza” (Aline Morena)

“foi legal, me diverti bastante” (Aline Morena).

A partir do relato da entrevistada e da literatura acerca do tema é possível destacar uma questão chave que diz respeito ao elemento monetário. Sendo que sem dinheiro não é possível sobreviver é válido usar aquilo que se tem como meio para consegui-lo. Deste modo, de acordo com Russo, o objeto de barganha dessas profissionais do sexo é o seu corpo e elas “trocaram o prazer que ele pode proporcionar por uma quantia em dinheiro” (2007, p.502) capaz de lhes proporcionar algo a mais do que necessidades do dia-a-dia. Assim, investem numa “estratégia feminina para ganhar lucros econômicos e simbólicos” (OLIVAR, 2008, p. 391) e em “explorar essa indócil fonte de gozo e dinheiro” (*idem*, p. 388).

Deste modo, a liberdade é relacionada à posse do dinheiro, pois é através dele que têm acesso a roupas, alimentação e objetos diferentes do que aqueles que conseguiriam por outra via (RUSSO, 2007). Assim, “é possível possuir objetos e viver situações impossíveis de serem experimentadas de outra forma” (RUSSO, 2007, p.508) e pintar “a imagem de meninas independentes que levam uma vida intensa” (FONSECA, 1996, p.10). Com isto, cabe citar que parece ser “uma atividade que visa antes à ascensão social do que a própria sobrevivência” (GASPAR, 1985, p.126).

A diversão narrada pela entrevistada está ligada não somente ao retorno financeiro, mas a situações específicas e também ao prazer sexual e emocional, pois se sente desejada pelos homens.

“Eu sinto um certo prazer, consigo gozar (...) um cliente (...) pagava só pra me ver gozar” (Aline Morena).

“Sinto [prazer], [se sente desejada?] sim!” (Aline Morena).

“normalmente eu sinto prazer, raramente não acontece” (Aline Morena).

“Enche de elogios (...). Essa parte é boa (Aline Morena).

A partir das narrações destacadas e da totalidade da narrativa biográfica é de fácil percepção que apesar de o dinheiro assumir uma dimensão importante no trabalho por ela exercido, nem todas as interações giram em torno do aspecto mercantil, outra dimensão de grande importância é o prazer. Assim, em acordo com Alves entendo que “em algumas situações, o trabalho de prostituta dá prazer a quem o desempenha, elevando a autoestima e a satisfação pessoal” (2009, p.184). Deste modo, é notável que “através do dinheiro, o trabalho da prostituta é valorado, mas a mulher que o exerce também o é” (RUSSO, 2007, p. 501).

Além disso, ela demonstra sentir-se uma mulher numa posição privilegiada em relação às outras que não são profissionais do sexo por cobrar pelo sexo:

“Tinha meninas que colecionavam caras lá dentro, elas chegavam no bar e diziam ‘ah hoje eu vou ficar com tantos’ e daí saiam pra ver quem conseguia mais e depois no final da festa a gente via elas comentando ‘Ah eu fiquei com tantos hoje’, não, não é muito diferente do que eu faço, só que eu ganho pra isso” (Aline Morena).

Assim, é possível destacar que o pagamento pelos serviços prestados implica não apenas na noção de que ela vale alguma coisa, mas de que há alguém disposto a pagar por ela, de modo que

ao contrário do que está posto na sociedade abrangente, para a qual o recebimento do dinheiro desvaloriza a prostituta, significa que elas têm certo valor para quem oferece o pagamento (RUSSO, 2007, p.503).

Deste modo, também aparece nas falas destacadas que no campo da prostituição a desvalorização da mulher está presente no não pagamento dos serviços prestados

(RUSSO, 2007). Assim, entendo em acordo com Russo que estas “mulheres estão dispostas a dar prazer aos homens, mas não querem, tampouco se propõem, a fazer isso a troco de nada” (2007, p. 504).

Aline Morena demonstra um nível alto de independência quanto a sua sexualidade, independência emocional em relação aos homens e nesses trechos aponta para a afirmação do seu poder de agência, inclusive na escolha de para quem prestar o serviço:

“Ai eu disse tá, eu faço dessa forma: por MSN, não fico no bar, não fico encostada em ninguém, com a coxa na cara, não é isso (...) pra mim não serve de outra forma, não é que eu to furando, eu simplesmente não vou fazer uma coisa que eu não quero fazer, eu não preciso disso” (Aline Morena)

“se eu fosse, por exemplo, pra uma dessas casas eu ia me sentir meio prisioneira” (Aline Morena)

“Eu encaro isso como se fosse uma profissão mesmo, é um pouco diferente do habitual, mas não deixa de ser, é um contrato de prestação de serviço, a pessoa quer tais serviços, o valor é tanto por tanto tempo e pronto, uma coisa simples, direta, objetiva, tem gente que acha estranho o jeito que eu coloco, mas é, é assim, não dá pra enfeitar (Aline Morena).

“Até tem um psicólogo que às vezes tecla comigo e uma vez ele me perguntou se eu não me sentia usada, eu disse não, eu me sentia usada quando eu ficava com o cara uma ou duas vezes e depois que eu transava com ele, ele nem olhava na minha cara, ai eu me sentia usada, agora não, então assim, pode parecer um pouco estranho, mas é assim que eu vejo as coisas sabe, é mais, como é que eu vou te colocar, não existe mentira digamos assim, quer tal coisa, vai ser assim e ponto final, sem expectativas, sem fazer joguinhos” (Aline Morena).

“Eu acho que dentro da proposta que foi feita, que eu me propus a fazer isso tá, então dentro dessa proposta eu não me sinto [usada]” (Aline Morena).

Com isto destaco uma nova imagem que pinta mostrando que “se existem as ‘vítimas’, há também garotas que resolveram, de forma deliberada, se dedicar à

prostituição” (GASPAR, 1985, p.94) e esta sente-se prestadora de serviços e jamais explorada. A entrevistada demonstra recusar o papel de vítima dos homens e, pelo contrário, sente-se possuidora de um poder, privilégio de poucas e transgride “a moral social que nega a sexualidade do corpo prostituído” (LOPES et al., 2007, p.75), subvertendo algumas das representações ideológicas sobre a sexualidade feminina sempre “restrita ao papel de procriadora” (CASTRO *apud* LOPES et al., 2007, p.70).

Deste modo, a prostituição remete a uma forma indesejada de mulher porque vai de encontro aos papéis historicamente atribuídos a ela e remete a uma vivência livre de sexualidade que, ao longo do tempo foi aprisionada “a rígidos padrões de comportamento, à maternidade e à negação do prazer (RUSSO, 2007, p.501). Com isto, entendo, em acordo com Olivar que a “prostituição em muitos casos pode significar uma resistência mais ou menos decidida contra os padrões de gênero dominantes” (2008, p. 393) apresentando uma relativa autonomia financeira e corporal da mulher.

Considerações Finais

A partir da análise da narrativa biográfica de Aline Morena pude averiguar que ela tem suas motivações para inserir-se na profissão e para manter-se nela ligadas ao retorno financeiro rápido e vantajoso bem como a vivência de novas experiências possibilitadas pelo dinheiro e a diversão intrínseca a ela. A diversão narrada pela entrevistada está ligada não somente ao retorno financeiro, mas a situações específicas e também ao prazer sexual e emocional, pois se sente desejada pelos homens de modo que o prazer assume uma dimensão importante em sua história de vida e conseqüentemente na narrativa.

O caminho da coleta de dados, da busca pelos sujeitos de pesquisa é longo, difícil e às vezes árduo, contudo é sempre muito rico e diverso e, neste caso auxiliou-me no entendimento do campo e, com isto, na preparação para meus próximos empreendimentos de pesquisa.

Referências Bibliográficas

ALVES, Fábio Lopes. **Noites de Cabaré: Interação, Gênero e sociabilidade na zona de meretrício**. Dissertação. Unisinos, São Leopoldo, 2009.

- CASTILHO, Ela Wiecko V. de. A criminalização do tráfico de mulheres: proteção das mulheres ou reforço da violência de gênero?. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, julho-dezembro de 2008, p. 101-123.
- FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Estudos feministas**, ano 4, n.1, 1º semestre, 1996, p. 7-33.
- GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: Prostituição em Copacabana e identidade social**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1985.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1989.
- LOPES, Concimar da Silva; RABELO, Ionara Vieira Moura; PIMENTA, Rosely Pereira Barbosa. A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem a classe média alta e alta na cidade de Goiânia. **Psicologia & Sociedade**, Goiás, n. 19, v. 1, jan/abr. 2007, p. 69-76.
- MENDONÇA, Silvia Beatriz. **Profissionais do sexo: motivações e sentidos para a ação na vida cotidiana**. 2010. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. A angústia dos corpos indóceis: prostituição e conflito armado na Colômbia contemporânea. **Cadernos pagu**, n. 31, julho-dezembro de 2008, p.365-397.
- PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no arco do “turismo sexual” internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, setembro-dezembro/2007, p. 717-744.
- PISCITELLI, Adriana. Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, junho de 2007, p. 17-33.
- RODRIGUES, Marlene Teixeira. O Sistema de Justiça Criminal e a prostituição no Brasil contemporâneo: administração de conflitos, discriminação e exclusão. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, jan./jun. 2004, p. 121-150.
- RUSSO, Gláucia. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 51, Set./Dez. 2007, p. 497-514.
- WEBER, Max. **Conceitos Sociológicos Fundamentais**. Covilha: Lusofia-press, 2010.
- ZELIZER, Viviana A.. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 32, janeiro-junho de 2009, p.135-157.

